



RESENHA

Geografia da Internet: uma contribuição geográfica sobre o processo de conectividade e suas duplas dimensões material e imaterial

Responsável pela resenha

Breno Rodrigo de Oliveira Alencar¹

Wesley Ribeiro Cantão Silva²

Resumo: Esta resenha do livro *Redes digitais: espaços de poder: por uma geografia da Internet* debate a relação que as redes digitais mantêm com o espaço geográfico, abordando sua influência na sociedade civil, dando especial atenção para três dimensões: conectividade, lógica/informacional e normativa.

Palavras-chave: Redes Digitais. Geografia. Internet.

Abstract: This review of the book *Redes digitais: espaços de poder: por uma geografia da Internet* discusses the relation that digital networks have with geographical space, approaching their influence in various fields of civil society, giving special attention to three dimensions: connectivity, logical/informational and normative.

Keywords: Digital Networks. Geography. Internet.

Resumen: Esta recensión del libro *Redes digitais: espaços de poder: por uma geografia da Internet* analiza la relación que las redes digitales tienen con el espacio geográfico, abordando su influencia en diversos ámbitos de la sociedad civil, prestando especial atención a tres dimensiones: conectividad, lógica/información y normatividad.

Palabras clave: Redes Digitales. Geografía. Internet.

¹Doutor em Sociologia e Antropologia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Belém, Pará, Brasil. E-mail: breno.alencar@ifpa.edu.br; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/4896717603786046>; ORCID iD:<https://orcid.org/0000-0002-1194-8986>.

²Graduando do Curso de Licenciatura em Geografia. Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia do Pará, Belém, Pará, Brasil. E-mail: wesley.ribeiro72@hotmail.com; Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1178325793288426>; ORCID iD:<https://orcid.org/0009-0005-7092-0587>.

Alicerçada em conceitos geográficos, a obra *Redes Digitais – Espaços de Poder*, de Carolina Batista Israel, publicada em 2021, traz um debate contemporâneo acerca das redes digitais, sua espacialidade e as relações de poder as quais permeiam esse processo de conectividade, tanto em sua dimensão material, como em sua dimensão imaterial.

Carolina Israel é uma geógrafa brasileira, professora da Universidade Federal do Paraná (UFPR) e atual coordenadora do Núcleo Curitiba do Observatório das Metrópoles (INCT). Fez seu Doutorado e Pós-Doutorado pela Universidade de São Paulo (USP). Israel tem dedicado sua vida acadêmica a investigar a sociedade e sua relação direta com as redes digitais, a internet e o ciberespaço, sendo uma das poucas pesquisadoras brasileiras, até então, a realizar uma abordagem da internet a partir de uma perspectiva geográfica.

O referido trabalho é fruto da tese de doutorado da autora, a qual foi orientada pela professora Mónica Arroyo e foi premiada no Prêmio CAPES 2020, além de ganhar a tese de destaque da USP, no mesmo ano. Publicada pela Editora Consequência, o livro é dividido em duas partes, cada uma contendo 4 capítulos.

É evidente a relevância do trabalho, fato este que se comprova no reconhecimento acadêmico frente aos prêmios concebidos para o escrito da autora. Nesse sentido, o estudo de Israel é um paradigma no que se refere à dicotomia existente entre estudos geográficos e a internet, principalmente por conta do detalhado debate apresentado sobre a relação que a internet mantém com o(s) espaço(s) geográfico(s), assim como sua influência em diversos segmentos da sociedade.

A obra faz uma profunda investigação do surgimento da internet no mundo, contando com um sistematizado levantamento bibliográfico para compreender o surgimento da internet a partir de um panorama histórico até seu desenrolar na contemporaneidade. Assim, na primeira parte do escrito pode-se entender como uma genealogia da internet. Esse primeiro momento da obra enfatiza o contexto histórico que desencadeou o surgimento da internet e do computador, ganhando um nome mais técnico por parte da autora, denominado de “A Gênese Socioespacial da Internet”.

Já no segundo momento é denominado de "Entre Verticalidades e Horizontalidades: sobre os conflitos na digitalização do espaço habitado", o qual tem uma forte abordagem geográfica, sobretudo relacionada aos conceitos geográficos clássicos, como espaço, território, territorialidades e, evidentemente, a contribuição de autores clássicos da geografia,

como Friedrich Ratzel, Claude Raffestin e Milton Santos. Além de contar com a contribuição de autores mais contemporâneos, como Rogério Haesbaert, o qual seus escritos contribuíram para pavimentar o raciocínio apresentado pela autora no decorrer do texto.

O título do livro é bem sugestivo, principalmente para quem já tem uma certa familiaridade com os conceitos geográficos. Ao destacar que as redes digitais são espaços de poder, a autora faz uma delimitação da obra nos parâmetros geográficos, enfatizando um dos principais objetos de estudo desta ciência: o espaço. Tal conceito – espaço – possibilita compreender não só a relação da internet enquanto uma técnica espacializada, mas, também, como um espaço habitado a partir do espaço virtual.

O conceito de poder também é enfatizado, cujo aparece com frequência nos estudos geográficos, principalmente nas investigações sobre o conceito de território, compreendido na obra como um espaço delimitado e subordinado a relações de poder. Nesse aspecto, de forma prévia, a autora cristaliza horizontes primários de interpretações para o leitor com aproximações geográficas: a internet também é um espaço que não está isenta de relações de poder. Então, se há relações de poder, há desigualdades entre os atores, há fricções, expressões de múltiplas territorialidades (HAESBAERT, 2004) e, na mesma linha de raciocínio geográfico, a formação de território(s).

O argumento central da autora é que a espacialidade da internet (no sentido do espaço material) é definida por três dimensões, as quais se complementam: 1) dimensão de conectividade, 2) dimensão lógica/informacional e 3) dimensão normativa. Nesse sentido, as duas primeiras dimensões estão mais relacionadas à formação e produção desse objeto técnico. Os cabos, os fios, os roteadores e até os aparelhos eletrônicos vão possibilitar essa conectividade em rede, assim como a produção de um espaço virtual, compreendido e denominado, na obra, como ciberespaço. Tal conceito – ciberespaço – é abordado pela primeira vez dentro dos estudos geográficos em 1993 pelo geógrafo britânico Michael Batty na revista *Environment and Planning B: Planning and Design* (ISRAEL, *op. cit.*).

Já a segunda dimensão segue uma linha semelhante à primeira, como mencionado acima, entretanto, é em um sentido mais imaterial da técnica, apresentando-se como um conjunto de códigos e softwares que vão complementar e possibilitar esse processo de conectividade.

Por outro lado, a dimensão normativa está mais relacionada às tentativas de regulação dessas redes. A partir dos contornos westfalianos, como é denominado pela autora, partindo

de uma relação direta com as normas e as leis que regem os espaços geográficos, influenciando, assim, diretamente o uso desses espaços digitais.

A autora aborda o Tratado de Westfália, de 1648, em paralelo com a internet, analisando como os Estados que detêm a hegemonia de conectividade, lógica e informacional não costumam respeitar as soberanias de outros Estados-Nações que não fazem parte do grupo seletivo que detém o monopólio da internet, exportando suas jurisdições (a normatividade) para além de suas fronteiras geográficas, fragilizando, assim, a soberania dos países sobre seus espaços virtuais.

Diante dessas contribuições relacionadas aos contornos westfalianos, é possível ir para uma nova linha analítica: a Geopolítica da internet. Isso se dá a partir da compreensão da internet frente às relações internacionais, analisando o comportamento dos países e suas disputas por domínio e apropriação desse objeto técnico, o qual é utilizado para fins econômicos, políticos e, eventualmente, militares.

Assim, conforme autora, essas três dimensões da internet são permeadas por relações de poder, fato que cria assimetrias e fricções entre os sujeitos que vão disputar o uso e a apropriação da internet. Esses conflitos e disputas vão ter duas facetas: uma na espacialidade material no que se refere à espacialidade técnica, e a imaterial, que ocorre no ciberespaço, criando verticalidades e horizontalidades, sendo a segunda mais relacionada à sociedade civil e suas tentativas de apropriação.

Esta perspectiva das horizontalidades advém a partir da apropriação civil e entra em consenso com a investigação sobre lugar e mídia apresentada por Ângelo Serpa (2015), o qual analisa a apropriação dos meios midiáticos, sobretudo o rádio, nas cidades de Berlim e Salvador. Segundo o autor, ao se apropriarem dos meios midiáticos, os sujeitos conferem um caráter horizontal e contra-hegemônico, enunciando, assim, seus lugares e identidades territoriais.

Fragoso, Rebs e Barth (2011) também apontam que a internet facilita a criação e organização de lugares-espaços-territórios digitais, potencializando a interação e multiplicação de identidades nesses espaços virtuais, isto é: a multiplicação de comunidades a qual cada usuário pode pertencer, relevando suas territorialidades ligadas ao espaço físico e ao ciberespaço.

Como mencionado anteriormente, de forma breve e indireta, a autora fornece subsídios para acabar com a dicotomia entre os estudos da internet e a geografia, entendendo que o

processo de formação do ciberespaço não está isento do espaço geográfico físico. Isso significa dizer que a internet é a base de produção do ciberespaço e, a partir de suas complexidades no que se refere a técnica, ela se torna a base material deste espaço virtual emergente (ISRAEL, 2021).

Nessa perspectiva, Israel mergulha sobre o ciberespaço em duas facetas: material e imaterial. Subsequentemente, entende-se que o ciberespaço é um espaço virtual produzido a partir dos objetos técnicos espacializados em um determinado espaço geográfico. Em síntese, a autora não nega seu sentido material, compreendendo a internet como o aparato técnico e o ciberespaço como “fruto” dessa técnica, reforçando a harmonia entre o debate da materialidade (técnica) e da imaterialidade (virtual).

Assim, Israel visa deixar bem explícito em sua obra que o ciberespaço não é um espaço transcendente do espaço geográfico físico, tão pouco algo superior ou paralelo. A técnica que produz o ciberespaço está, na maioria das vezes, monopolizada e subordinada a países que detêm poder sobre esse objeto técnico, o qual é o caso dos servidores *Domain Name System (DNS)*, os quais estão sob domínio das potências hegemônicas, contando com 10 dos 13 servidores dentro dos Estados Unidos (ISRAEL, *op. cit.*), mostrando o controle e domínio sobre a dimensão técnica, virtual e, principalmente, a normativa.

Toda essa espacialidade da técnica está sujeita a relações de poder, sobretudo nas três dimensões analisadas pela autora, que são a ideia principal da investigação. Tal situação cria conflitos entre os agentes que utilizam e disputam o uso da internet, levando à formação de verticalidades e horizontalidades produzidas pelo uso e apropriação desse objeto técnico.

Por verticalidades, entende-se, genericamente, por forças vindas de “cima”. Para essa ideia fazer sentido a partir da abordagem da obra, é válido ressaltar que a internet é controlada pelos países hegemônicos politicamente e economicamente, cujos detêm o monopólio sobre a técnica produtora do ciberespaço, como debatido acima. Assim, se há verticalidades, logo, a internet também possibilita a formação de articulações horizontais advindas da sociedade civil. Essa horizontalidade pode nascer da organização política dos sujeitos que não detêm o monopólio dessa técnica e desse espaço virtual, mas que, de alguma forma, disputam seu uso e apropriação.

Ambos os lados expressam suas territorialidades, seja as forças hegemônicas em um sentido comercial e normativo, seja as articulações da sociedade civil, expressadas pelas territorialidades mais relacionadas as espacializações geográficas, articulando e fomentando,

por exemplo, o debate político dentro e fora da esfera digital. Em ilustração a isso, pode-se mencionar o ciberativismo, o qual se dá por meio da atuação e articulação de movimentos sociais no ciberespaço, expressando suas identidades e territorialidades.

Em termos geográficos, o escrito possibilita uma compreensão do espaço virtual como um território, sobretudo numa análise mais clássica da Geografia Política, a qual entende o território como uma arena constante de conflitos criados pelos atores que integram esse espaço e buscam defender seus interesses políticos, econômicos, ideológicos e culturais (CASTRO, 2005). Nessa direção, também possibilita subsídios para um debate emergente acerca do conceito de território digital (DUARTE, 1999), uma vez que o espaço virtual passou a ser apropriado por diversos grupos e instituições da sociedade civil (ou não), principalmente no campo da política.

Ainda no campo político, ao analisar as redes digitais, Castells (2017) vê nos movimentos sociais contemporâneos, principalmente aqueles que atuam fortemente nas redes digitais, múltiplas formas de conexão, apropriando-se, assim, destes espaços, tornando a internet em um espaço de solidariedade entre os indivíduos que expressam suas indignações a partir da conectividade. O autor vai chamar isso de redes de indignação e esperança.

A leitura da obra é de suma importância para o debate sobre a internet, sua espacialidade e sua influência nos diversos segmentos da sociedade civil, mormente no campo da política, cuja internet tem causado grandes impactos em escala global.

Carolina Israel, nesse sentido, pavimenta caminhos para a expansão – e fortalecimento – da Geografia da Internet, proporcionando uma importante contribuição para o debate sobre a relação entre o material e o imaterial que permeia este objeto técnico, confrontando, mesmo que de forma indireta e não intencional, a dicotomia que ronda na academia no que se refere ao estudo da internet e do ciberespaço a partir de um prisma geográfico.

Com isso, a autora nos mostra que a internet pode e deve ser debatida na perspectiva geográfica, levando em consideração que a técnica está localizada espacialmente em vários espaços geográficos, especificamente naqueles do centro do capitalismo financeiro e tecnológico.

Por fim, por se tratar de uma tese de doutorado o qual se tornou um livro, é importante mencionar que a obra é bastante densa e tem uma linguagem técnica, não sendo de fácil leitura para o grande público que talvez não esteja familiarizado com a temática. É necessário que o leitor não familiarizado com os conceitos geográficos tenha um certo conhecimento

conceitual prévio, de modo que possa compreender a discussão apresentada pela autora. De qualquer modo, a investigação de Israel é essencial para todos aqueles que se interessam em compreender as redes digitais, suas dimensões e os conflitos que giram em torno dela acerca de seu uso e apropriação, provocando-nos a refletir sobre uma internet mais democrática e horizontal, a qual esteja a serviço de uma coletividade e, preferencialmente, sob nossa soberania, indo, assim, para além das fronteiras hegemônicas.

Referências

CASTELLS, Manuel. **Redes de indignação e esperança: movimentos sociais na era da internet**. Editora Schwarcz-Companhia das Letras, 2017.

CASTRO, Iná Elias. **Geografia e política: território, escalas de ação e instituições**. Bertrand Brasil, 2005.

DUARTE, Fábio. Democracia no território digital. **Comunicação & Educação**, n. 14, p. 27-32, 1999.

FRAGOSO, Suely; REBS, Rebeca Recuero; BARTH, Daiani Ludmila. Territorialidades virtuais: Identidade, posse e pertencimento em ambientes multiusuário online. **MATRIZES**, v. 5, n. 1, p. 211-225, 2011.

HAESBAERT, Rogério. **Dos múltiplos territórios à multiterritorialidade**. Porto Alegre, p. 16, 2004.

ISRAEL, Carolina Batista. **Redes digitais: espaços de poder: por uma geografia da Internet**. Rio de Janeiro: Consequência Editora, 2021. 376p.

ISRAEL, Carolina Batista. Um excursão sobre a Geografia da Internet e do ciberespaço: revisitando os legados teóricos. **Boletim Campineiro de Geografia**, v. 11, n. 2, p. 221-236, 2021.

SERPA, Angelo. **Lugar e mídia**. Editora Contexto, 2015.

Recebido em: 18 de janeiro de 2024

Aceito em: 19 de março de 2024
